

---

## O ENSINO DOS GÊNEROS TEXTUAIS DA ESFERA DO ARGUMENTAR: PROPOSTAS DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO

Carmem Lúcia da Cunha Rocha (UESPI/PIBIC-CNPq)

Simone Rego Fontinele (UESPI/PIBIC-CNPq)

Bárbara Olímpia Ramos de Melo (UESPI)

**RESUMO:** O presente trabalho visa apresentar resultados parciais da pesquisa PIBIC/CNPq/UESPI 2014/2015 intitulada: "*Gêneros Textuais: estratégias teórico-metodológicas para o ensino na educação básica*". Temos como objetivo analisar os livros didáticos de Língua Portuguesa: "*Linguagem e Interação*," de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura, José Hamilton Maruxo Jr. e "*Português: língua, literatura, produção de texto: ensino médio*," de Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel, bem como o Manual do professor e seus referenciais curriculares para o ensino médio, observando a apropriação dos gêneros textuais da esfera do argumentar no ensino médio em escolas públicas. Para a realização dessa pesquisa foram utilizados os dois livros didáticos de língua portuguesa do 1º ano, que são adotados em escolas da rede pública de ensino de Teresina. Como suporte teórico, nos baseamos em Bakhtin (1997), Dolz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2000, 2002), Dionísio e Bezerra (2002), Adam (2008), dentre outros. Verificamos que a abordagem dos gêneros textuais da esfera do argumentar possui aspectos distintos em cada um dos livros analisados. A coleção do livro "*Linguagem e Interação*" apresenta uma diversidade de gêneros da esfera do argumentar tais como: dois modelos de artigo de opinião, seis de editorial de jornal, cinco de debate, sete de carta ao leitor. Enquanto que a coleção do livro "*Português: língua, literatura, produção de texto: ensino médio*" não aborda nenhum gênero da esfera do argumentar. Vimos que os resultados da primeira coleção apontam aspectos favoráveis que possibilitam desenvolver no discente a capacidade de produção nos diversos gêneros da esfera do argumentar. Enquanto que na segunda coleção não detectamos nenhuma ocorrência em relação ao ensino dos gêneros em que a capacidade argumentativa fosse explorada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros Textuais. Ensino. Argumentação.

### 1 Introdução

Durante muito tempo a preocupação com o domínio da expressão verbal foi bastante discutida pelos povos da Grécia antiga, pois estes participavam de atividades políticas na qual os seus argumentos eram direcionados ao público com a intenção de serem aceitos ou não pelo povo.

Dessa maneira, podemos perceber que os estudos acerca da argumentação revelam que o ato de argumentar está relacionado com a defesa de posicionamentos, tendo em vista uma melhor exposição de ideias, objetivando o ato de "convencer". Nesse sentido, a intenção do interlocutor ao argumentar não será necessariamente construir uma verdade absoluta

acerca de uma tese, mas segundo Leal (2006), seria abstrair um conjunto de premissas, para assim criar seus pontos de vista, suas razões e simultaneamente defender ou refutar a partir de uma determinada conclusão.

Em razão disso, o nosso objetivo foi analisar o livro didático de Língua Portuguesa, do 1º ano do ensino médio, em face da necessidade de se verificar a apropriação dos gêneros textuais da esfera do argumentar em LDs utilizados em escolas públicas.

Nessa perspectiva, é de real importância o domínio dos gêneros da esfera do argumentar no ensino médio de escolas públicas. Porquanto o que se percebe nos LDs de Língua Portuguesa foi que as estratégias para apropriação dos gêneros textuais possuem aspectos distintos em relação ao ensino desses gêneros no livro didático. Nesse sentido é de extrema importância o educando obter o domínio da linguagem oral e escrita em diversas situações: nas práticas sociais, na criação de estratégias discursivas, na diferenciação de sequências tipológicas dos gêneros, sua estrutura, finalidade, conteúdos, contexto de produção e, principalmente, o propósito comunicativo.

Segundo Bakhtin (1997), os gêneros são constituídos por um sujeito que fala de algum lugar e é dirigido para um determinado meio social que se modificam conforme as necessidades do homem, assim, mesmo sendo reformulados, dificilmente perdem suas características do propósito comunicativo.

A análise buscou descrever o uso dos gêneros textuais da esfera do argumentar e descrever as propostas de ensino apontadas pelo livro didático, seus respectivos manuais do professor, e as orientações curriculares nacionais-PCNs. Como suporte teórico, nos baseamos em Bakhtin (1997), Dolz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2000,2002), Dionísio e Bezerra(2002), Adam (2008), dentre outros. Verificamos que a abordagem dos gêneros textuais da esfera do argumentar nos LDs analisados possui aspectos distintos. O LD "*Linguagem e Interação*" apresenta uma diversidade de gêneros textuais, contendo 20 (vinte) gêneros da esfera do argumentar. Enquanto que o LD "*Português: língua, literatura, produção de texto: ensino médio*" não abordou nenhum gênero da esfera do argumentar, somente as tipologias do narrar e do relatar. Vimos que os resultados da primeira coleção apontam aspectos favoráveis que possibilitam desenvolver no discente a capacidade de produção nos diversos gêneros do argumentar. Enquanto que na segunda coleção não detectamos nenhuma ocorrência em relação ao ensino dos gêneros argumentativos.

## 2 Pressupostos Teóricos

### 2.1 GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais são diferentes formas de textos escritos ou falados que circulam na sociedade, por exemplo: notícia de jornal, receita culinária, conversa ao telefone, piada, romance, carta, bilhete e outros. São espécies relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera comunicativa. O enunciado pode ser oral ou escrito a depender da situação comunicativa social. Bakhtin (1997) ressalta que todas as práticas da atividade discursiva por mais diversas que sejam estão sempre ligadas ao uso da língua. Nesse caso, a utilização da linguagem se realiza em formas de discursos orais e escritos.

A perspectiva teórica Bakhtiniana caracteriza os gêneros em três aspectos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. O conteúdo temático está direcionado ao tema proposto no tipo de produção, o estilo se refere aos elementos linguísticos: aspectos lexicais, fraseológicos e gramaticais. Enquanto que a construção composicional está relacionada à estruturação e ao acabamento.

Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos de gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p.158).

Nesse contexto teórico, o uso da língua está associado às esferas de atividades humanas, porquanto toda sociedade desenvolve tipos de proposições, ou seja, toda sociedade elabora seus enunciados para atender as suas demandas comunicativas.

Bakhtin (1997) define os gêneros como primários e secundários. Os gêneros primários são caracterizados pela proposição espontânea, pois seriam mais 'simples' em comparação aos gêneros secundários, que são muito complexos. Os secundários são segmentos de circunstâncias de comunicação sociocultural que se materializam principalmente pelo processo da escrita. "Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial

existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo)” (BAKHTIN, 1997, p.159). Relacionando a distinção proposta por Bakhtin (1997) ao objeto dessa pesquisa, podemos associar a maioria dos gêneros da esfera do argumentar aos secundários.

Segundo Marcuschi (2002) os gêneros estão vinculados à vida cultural e social do homem. Nesse sentido, os gêneros são definidos como fenômenos históricos surgidos não de maneira aleatória, mas construído a partir de uma coletividade. Dessa forma os gêneros existem para propiciar as atividades comunicativas do homem na sociedade. Nas práticas sociais os gêneros não são isolados do contexto comunicativo do interlocutor, mas são dinâmicos e reformulados.

Segundo Marcuschi (2002), após a invenção da escrita no século VII A.C, os gêneros se desenvolveram com maior facilidade no meio social, principalmente os gêneros característicos da escrita. No século XV, os gêneros ampliaram-se devido o surgimento da imprensa. Hoje, com o desenvolvimento da mídia, ou seja, da “cultura eletrônica” notamos uma ampla e diversificada presença de gêneros textuais nas práticas discursivas do sujeito, por exemplo: a televisão, internet, rádio, telefone entre outros; inferimos que a partir do uso, do contato frequente que o indivíduo faz desses meios eletrônicos na sociedade, a tendência é que possa haver uma expansão de novos gêneros e de novos meios comunicativos. Contudo, as tecnologias não originam os gêneros, mas sim o uso frequente destes durante as atividades comunicativas.

Dessa maneira, o que é importante observar em um gênero na visão de Marcuschi (2002) não é necessariamente suas particularidades estruturais, mas sim a sua funcionalidade comunicativa.

Nesse contexto teórico, Marcuschi menciona:

É bom salientar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente. (Marcuschi, 2002, p.21).

Os gêneros não se originam propriamente das tecnologias, mas da intensidade de uso que o homem faz desses meios durante suas práticas discursivas. Desse modo, Marcuschi ressalta: “[...], Por certo, não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias” (MARCUSCHI, 2002, p.20). Entretanto, a tecnologia não é uma mera criadora de gêneros, mas favorece o surgimento e as inovações destes. Em outras palavras, o gênero ao ser bastante utilizado no meio social propicia ou favorece o surgimento de outros, com características bastante diferentes. É justamente nesse sentido que Bakhtin (1997) buscou relacionar o gênero em uma categoria de “transmutação”, ou seja, o gênero se transforma ou passa a gerar novos relacionados a outros já existentes.

Geralmente quando se fala em gênero e tipo textual muitos chegam a confundir as finalidades e características básicas de ambos, pois Marcuschi (2002) juntamente com outros autores definem o papel do gênero como sendo das práticas sociais comunicativas e funcionais realizadas e desenvolvidas no cotidiano social; por exemplo: “o telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante” (Marcuschi, 2002, p.23). Nesse sentido, todos esses gêneros de circulação social correspondem a uma dada função comunicativa. Enquanto que os tipos textuais, para Marcuschi (2002), estão relacionados às sequências linguísticas determinadas por aspectos sintáticos, lexicais, tempos verbais e relações lógicas, designando as tipologias: narração, descrição, argumentação, exposição e injunção.

## 2.2 ARGUMENTAÇÃO

Durante muito tempo a retórica foi o alvo de toda forma de ensino, que tinha como funcionalidade a arte de expressar ou argumentar em público de forma convincente, ou seja, as habilidades eram praticadas para obter aceitação de um público.

A argumentação é uma forma comunicativa relacionada às circunstâncias de produção, portanto a argumentação é a defesa de um posicionamento sobre um determinado assunto.

A concepção de gênero também sofreu grandes influências de Aristóteles (2006) pelo aspecto argumentativo ou persuasivo que se identifica no plano da lógica. Nesse sentido, Aristóteles (2006) investigava elementos padrões que sustentassem a argumentação em contextos distintos. Nos estudos mais recentes, é possível reconhecer novas perspectivas para os gêneros da esfera do argumentar. Segundo Adam: "Todo enunciado possui um valor argumentativo, mesmo uma simples descrição desprovida de conectores argumentativos". (ADAM, 2008, p. 122).

Assim, toda situação discursiva possui a forma argumentativa, principalmente pelos seus conectores que buscam defender, sustentar e refutar posicionamentos.

Dolz e Schneuwly (2006) apontam os gêneros que correspondem à esfera do argumentar: "textos de opinião, diálogos argumentativos, cartas ao leitor, cartas de reclamação, cartas de solicitação, debates, editoriais, requerimentos, ensaios, resenhas críticas, artigos de opinião, monografias, dissertações". Assim, tendo em vista a argumentação como uma atividade comunicativa composta por elementos argumentativos.

Expor nossas ideias e opiniões dentro dos aspectos discursivos é uma atividade que remete à argumentação, pois ela está relacionada com as defesas de pontos de vistas que de alguma forma buscam intervir sobre as ações do homem. Da mesma forma que a argumentação se faz presente nos mais diversos modos discursivos da linguagem, o homem a utiliza para persuadir o interlocutor.

Nesse sentido, a argumentação faz parte do confronto de ideias, de um assunto polêmico que o homem, valendo-se da linguagem e dos recursos estratégicos desta, visa assegurar ao interlocutor uma maior credibilidade e confiança no seu discurso.

Dessa maneira Koch afirma:

É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo" (KOCH, 2006, p.17).

Retomando a ideia da autora, percebemos que nenhum enunciado é isento de ideologias e interesses. Em outras palavras, o discurso que se diz neutro está completamente voltado ao que se denomina de “discurso ideológico”.

Quando argumentamos acerca de uma tese buscamos enfatizar os recursos que dão credibilidade ao nosso discurso (oral ou escrito), por exemplo: utilizamos a exemplificação que está voltada aos “bons exemplos” presentes no enunciado que visa chamar a atenção do interlocutor, a citação de autoridade, os dados estatísticos que tendem a transmitir confiança às ideias e à comparação que se distingue em: por diferença ou contraste e por semelhança.

Em relação à comparação por diferença se refere por meio de aspectos distintos, enquanto que à comparação por semelhança está baseada na comparação entre dois elementos comuns.

Da mesma forma que um discurso se detém nos recursos de credibilidade, também se fazem presente dentro do enunciado as marcas linguísticas da argumentação: pressuposições, intenções, atitudes do falante, operadores argumentativos dentre outros.

Assim, enquanto que os recursos usados na argumentação tendem a repassar ao interlocutor uma confiança e credibilidade do seu discurso oral ou escrito, as marcas linguísticas da enunciação trabalham na identificação e posição que o enunciado assume.

Vale ressaltar que a boa argumentação implica numa “seleção” dos melhores aspectos estratégicos, pois quem deseja convencer ou persuadir discursivamente, enfatiza nos seus discursos os melhores argumentos.

Diante disso, as sequências textuais seguem uma estrutura ou uma ordem que fundamentam o texto, através de uma linearidade que corresponde a uma organização, pois visam inclusive, a coerência e a coesão de uma unidade textual, voltadas principalmente para as modalidades discursivas da linguagem. No que diz respeito ao argumentar, este é um ato linguístico fundamental que envolve as intenções do falante a cerca de uma proposição, pois segundo Koch (2006), o discurso não se torna neutro diante de qualquer enunciado. Nesse sentido, o discurso argumentativo visa discorrer sobre uma tese a ser defendida ou refutada.

Assim, as sequências argumentativas, as marcas linguísticas do enunciador, a estrutura formal do discurso, os termos empregados, o propósito comunicativo, os aspectos sintáticos, semânticos e lexicais fazem parte da composição de um discurso argumentativo convincente. Dessa forma, Adam (2008) define as sequências textuais em cinco tipos:

sequência narrativa, descritiva, explicativa, dialogal e argumentativa. Entretanto, estas se estruturam a partir dos seguintes aspectos: pela posição que representa a tese a ser defendida, pela justificação que explicita as razões da tese, pela sustentação que evidencia os aspectos empíricos ou formais, pela exemplificação que envolve dados específicos ou concretos e pela conclusão que é a finalização dos argumentos defendidos.

### 2.3 O ENSINO DOS GÊNEROS DA ESFERA DO ARGUMENTAR

O ensino da argumentação desenvolve no aluno as capacidades discursivas para defender ou refutar ideias, ao mesmo tempo aprende a se posicionar diante de qualquer discurso.

Dessa maneira, é papel da escola e do professor buscar desenvolver as capacidades linguísticas dos alunos, através das tipologias existentes: narração, exposição, injunção, descrição e argumentação. Assim, todas são importantes e de alguma forma contribuem para o ensino da língua portuguesa.

Diante disso, defendemos a importância de se discutir os gêneros da esfera do argumentar, pelo fato da argumentação estar sempre presente nos nossos discursos, ou seja, os gêneros que comportam o lado argumentativo estão sempre em circulação e presentes no meio social.

Assim, enfatizar a importância do ensino dos gêneros da esfera do argumentar requer não apenas reconhecer as tipologias existentes, mas também saber relacionar e conhecer os gêneros diversos tipos textuais presentes nas variadas práticas discursivas.

Vale ressaltar que os gêneros da esfera do argumentar possuem características bastante diferentes, mas são as intenções comunicativas que nos fazem identificar o gênero proposto. Dessa maneira, esses gêneros são denominados pertencentes a esfera do argumentar: cartas de reclamação, debate, artigos de opinião, resenhas críticas, dentre outros.

Dessa maneira, “[...] é possível ensinar a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extra-escolares” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 96). Nesse sentido, o ensino dos gêneros textuais não deve valorizar apenas os textos escritos, mas

também entender que os gêneros orais podem ser vistos como objeto de ensino, pois os PCNs enfatizam que estes tendem a desenvolver as capacidades discursivas dos alunos.

Marcuschi (2002) enfatiza que é de extrema importância o trabalho com gêneros textuais no sentido de que visa oportunizar as práticas discursivas acerca do uso da língua nas diferentes atividades comunicativas. Tendo em vista que os gêneros se desenvolvem conforme as necessidades do homem em cada contexto cultural e social.

### 3 Metodologia

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados dois livros didáticos de Língua Portuguesa adotados em escolas da rede pública de ensino e seus respectivos manuais do professor e as orientações dos PCNs. Para a escolha dos livros, selecionaram-se os LDs de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio. Estes livros foram selecionados, inicialmente, por serem materiais utilizados recentemente em escolas públicas de Teresina.

Na pesquisa foi observado o modo como os gêneros textuais da esfera do argumentar são veiculados nos livros didáticos, levando em consideração os seguintes aspectos:

- Quais as propostas que os livros didáticos apresentam em relação ao ensino dos gêneros textuais da esfera do argumentar?
- Quantos e quais gêneros da ordem do argumentar os livros didáticos apresentam?
- E como esses gêneros são caracterizados?
- De que forma esses gêneros são apresentados pelos autores?

Os livros didáticos de Língua Portuguesa foram também analisados com base nas orientações propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, visando verificar se os LDs contemplam essas orientações, tendo em vista a proposta de ensino dos gêneros textuais.

#### 4 Análise dos Livros Didáticos de Língua Portuguesa do 1º Ano do Ensino Médio

Investigando os critérios da análise em questão, fez-se necessária uma coleta de dados voltada para o ensino dos gêneros textuais da esfera do argumentar. A análise contempla dois LDs. O primeiro corresponde ao livro "*Linguagem e Interação*" de Carlo Emílio, Faraco, Francisco Marto de Moura, José Hamilton Maruxo Jr., o segundo livro "*Português: língua, literatura, produção de texto*": ensino médio, de Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel.

##### 4.1 LD1-LINGUAGENS E INTERAÇÃO

O primeiro livro "Linguagem e Interação" apresenta uma diversidade de gêneros da esfera do argumentar tais como: dois modelos de artigo de opinião, seis de editorial de jornal, cinco de debate, sete a carta ao leitor. Nesse sentido, Marcuschi explana: "Uma análise dos manuais de ensino de língua portuguesa mostra que há uma relativa variedade de gêneros textuais presentes [...]", (MARCUSCHI, 2002, p, 35).

O primeiro LD analisado, inicialmente, apresenta os gêneros do artigo de opinião seguido por atividades complementares bastante resumidas e que não levam o aluno a formular um raciocínio crítico diante do contexto de produção apresentado. Tendo em vista, também, as atividades envoltas do artigo de opinião que priorizam exclusivamente o aspecto gramatical.

O editorial de jornal, na p.317, embora proposto com características de um poema, o seu propósito comunicativo está voltado a um editorial que remete a uma discussão polêmica.

O debate, na p.314, traz discussões em parte positivas a respeito da construção de argumentos, porque suscita o aluno a buscar questões polêmicas a serem debatidas cuja finalidade é o trabalho realizado em equipe.

O debate, na p.341, é voltado para os discursos midiáticos (rádio e TV) que possibilita diferentes propostas, objetivando levar a desenvolver o senso crítico e reflexivo do aluno.

Na carta do leitor, na p.322, verificou-se que há uma forte presença de dados estatísticos que sustentam uma credibilidade acerca da argumentação, cuja finalidade é levar

o aluno a buscar desenvolver estratégias discursivas convincentes. Nesse sentido, Faraco et al. (2010) buscou articular o gênero carta do leitor, relacionando o contexto de produção no qual foram inseridas estratégias do discurso que possibilitam ao aluno se posicionar acerca de uma tese.

A carta do leitor, na p.335, aborda uma estrutura fragmentada. Enquanto que a carta do leitor, nas p.338 e 340, enfatiza esse gênero em forma de poema.

Na carta do leitor, na p.349, sugere propostas para que o leitor busque formular contra-argumentos que sustentem sua opinião acerca de uma premissa.

No texto, do capítulo doze, na p.333, do LD1, o autor apresenta duas cartas do leitor, visando mostrar opiniões contrárias:

*Batalha dos leitores*

*É certo tratar cães como humanos?*

*Com o meu dog, meu amado samoiedo Theodoro, faço o que quiser. Nem quero saber se ele gosta de ser chamado de filho, ou se gosta que eu o persiga o tempo todo pedindo abraços e beijos. Só o ser humano tem essa noia de querer racionalizar as coisas desse jeito.*

*A.R. no site*

*Gosto de cachorros, mas tratá-los como filhos é demais. Há tantas crianças nas ruas e nos orfanatos-e as pessoas preocupadas com futilidades. Não consigo entender isso. Deveriam levar o carinho, o amor e o dinheiro gasto com um cachorro para uma criança carente.*

*D.R. Criciúma, SC*

*Ao ler essas cartas, expressam-se opiniões contrárias a respeito do tema da reportagem? Nas duas primeiras cartas, expressam-se opiniões contrárias a respeito do tema da reportagem.*

*a) Com qual delas você tende a concordar? Por quê?*

*b) Em sua opinião, qual dos dois leitores apresenta argumentos mais convincentes para defender seu ponto de vista?*

Neste exemplo, predomina o gênero carta do leitor que visa de maneira consistente à defesa de um ponto vista, apesar das duas cartas abordarem a mesma temática, os argumentos são divergem. Nesse sentido Rojo ressalta:

Quando se trata do gênero carta, para personalidades reais e fictícias, aparece em algumas coleções a sugestão de uma espécie de jogo de faz-de-conta, em que um estudante se coloca no lugar do leitor da carta outro, e a lê e responde, como se fosse o destinatário previsto, (ROJO, 2003, p.137).

Dessa forma, alguns manuais didáticos abordam o gênero carta de forma sistemática valorizando apenas os recursos linguísticos, no qual as propostas de produção se distanciam do propósito comunicativo.

#### 4.2 LD2-PORTUGUÊS: LÍNGUA, LITERATURA, PRODUÇÃO DE TEXTO

Ao analisarmos o LD2, foram encontradas somente as tipologias pertencentes à ordem do narrar e do relatar.

Os gêneros pertencentes à esfera do narrar foram: quatro contos, trinta e cinco poemas, quatro trechos de romances, um sermão, nove anúncios publicitários, dois contos de humor, uma crônica, uma fábula, um trecho de novela. Enquanto que os da ordem do relatar foram somente encontrados um gênero notícia. Porém, verificou-se a ausência dos gêneros da esfera do argumentar no LD2.

Dos critérios relativos às condições de produção dos diversos gêneros presentes no LD2, percebemos o tratamento dado somente aos aspectos gramaticais. Nesse sentido, o livro didático traz o seguinte fragmento:

(15) *Com base, na leitura da coluna do jornal O ESTADO DE S. PAULO:*

- *Identifique, no texto, as palavras escritas diferentemente da ortografia atual.*
- *Reescreva de acordo com a ortografia atual.*

(p. 95)

Vemos que o tratamento dado ao gênero notícia no LD2 está voltado somente para um trabalho gramatical, pois “[...], tendem a um tratamento generalizado [...], pontuar

corretamente, respeitar a ortografia [...]” (ROJO, 2003, p. 147). Nesse sentido, a autora discorda do modo como o gênero é trabalhado no LD2, pois as propostas que esses manuais didáticos sustentam é apenas uma valorização dos aspectos gramaticais. Dessa maneira, Rojo (2003) enfatiza que o ensino da gramática tradicional é visto com frequência nos LDs e que raramente condiz com as orientações dos PCNs, pois estes não adotam uma concepção de ensino tradicionalista, mas o ensino da linguagem nas diversas situações comunicativas.

Marcuschi (2002) esclarece que:

No ensino de uma maneira geral, e em sala de aula de modo particular, pode-se tratar dos gêneros na perspectiva aqui analisada e levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero em cada um. É um exercício que, além de instrutivo, também permite praticar a produção textual. (MARCUSCHI, 2002, p. 35)

Nessa perspectiva, Marcuschi (2002) ressalta a importância do gênero textual no ensino da língua, pois as práticas discursivas se desenvolvem conforme o uso dos gêneros textuais durante as diversas atividades comunicativas.

## 5 Resultados

No livro “*Linguagem e Interação*”, de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Jr., verificou-se uma diversidade de gêneros da esfera do argumentar: o artigo de opinião, editorial de jornal, debate, carta ao leitor. Tendo em vista que as propostas apresentadas pelos autores em relação ao ensino desses gêneros foram bastante consistentes, pois, de modo geral, Faraco et al. (2010) abordaram os gêneros da esfera do argumentar, em parte positivas, pois cada gênero propõe características distintas, cuja finalidade envolve diversos propósitos comunicativos: o debate, o editorial, a carta do leitor. Porém, o gênero artigo de opinião e a carta do leitor, da página 335, possuem aspectos negativos, pois priorizam somente as atividades gramaticais.

Nesse sentido, o LD1 também abrange não apenas os gêneros da ordem do argumentar, como também gêneros de outras tipologias (narrar, relatar, expor, e descrever

ações). Embora o livro faça menção aos gêneros da esfera do argumentar e explorá-los de forma produtiva, ainda há uma necessidade de formular o ensino dado a esses gêneros.

Enquanto que no livro "*Português: língua, literatura, produção de texto: ensino médio*", de Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel, observou-se que as autoras não exploraram os gêneros da esfera do argumentar. Contudo, o livro abordou somente os gêneros pertencentes à ordem do narrar e do relatar. Assim, na ordem do narrar encontramos os gêneros lírico, épico e dramático, sendo que na ordem do relatar somente o gênero notícia.

É necessário frisar que a abordagem dos gêneros da esfera do argumentar não foi contemplada pelas autoras. Não foram contempladas também as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, pois estes apontam que o aluno deva ter o domínio discursivo voltados ao uso desses gêneros nas diferentes práticas sociais.

## 6 Considerações Finais

Uma das tarefas principais da escola seria trabalhar em sala de aula uma diversidade de gêneros que possibilitem a aquisição de habilidades comunicativas e discursivas em variadas esferas comunicativas.

Assim, diversas teorias têm discutido a necessidade do ensino da linguagem por meio tanto dos gêneros orais como escritos, porém o que se percebe em alguns manuais didáticos é a carência dada ao ensino dos gêneros textuais, inclusive os da ordem do argumentar, pois Leal (2006) enfatiza que o ensino deva trabalhar e desenvolver a argumentação nas práticas comunicativas dos alunos desde as séries iniciais. Entretanto, é perceptível no LD2 uma necessidade acerca das propostas contidas no LD de língua portuguesa voltados ao ensino dos gêneros textuais da esfera do argumentar.

Nesse sentido, o ensino dos gêneros textuais é de extrema importância porque possibilita o desenvolvimento das capacidades discursivas do aluno, de forma que o sujeito busque articular as características e as finalidades de cada gênero proposto por uma situação comunicativa. É importante frisar que o ensino da argumentação está relacionado às diferentes práticas discursivas do sujeito presentes nas diferentes esferas de circulação social.

Além disso, o ensino dos gêneros deve priorizar as necessidades do aluno, proporcionando o desenvolvimento das habilidades de uso da língua em diversos contextos, tanto os orais como escritos. Assim, o ensino dos gêneros deveria ser proposto com o intuito de mostrar que em cada gênero existe um propósito comunicativo, em que o aluno tenha a capacidade de identificá-lo, objetivando a aquisição de habilidades necessárias a produção e compreensão de tais gêneros.

Em suma, as bases teóricas que fundamentaram as análises nos LDs de Língua Portuguesa sustentam a importância de se priorizar não somente o ensino das tipologias (narrativa, descritiva, expositiva, injuntiva), mas principalmente o ensino dos gêneros textuais, inclusive, das esferas argumentativas.

### Referências

- ADAM, Jean-Michel: ***A linguística textual: iniciação à análise textual dos discursos***. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BAKHTIN, M. ***Estética da criação verbal***. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KOCH, I. ***Introdução à lingüística textual***. São Paulo: Martins Fonte, 2006.
- LEAL, T; MORAIS, A. ***A argumentação em textos escritos: a criança e a escola***. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MARCUSCHI, Luis A. ***Produção Textual, análise de gêneros e compreensão***. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os Gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. ***Gêneros orais e escritos na escola*** / Tradução e organização ROJO. R.; CORDEIRO. G. L. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p.71-91.